



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

RENATA SOUSA AZEVEDO

**CENÁRIO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM CAMPINA GRANDE-PB: PERFIL DE
PROFESSORES, INSTITUIÇÕES DE ENSINO E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

RENATA SOUSA AZEVEDO

CENÁRIO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM CAMPINA GRANDE-PB: PERFIL DE PROFESSORES, INSTITUIÇÕES DE ENSINO E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) de Especialização em Educação Física Escolar da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Educação Física Escolar.

Orientadora: **Elaine Melo de Brito Costa**

**CAMPINA GRANDE – PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994c Azevedo, Renata Sousa.
Cenário da ginástica rítmica em Campina Grande-PB
[manuscrito] : perfil de professores, instituições de ensino e
objetivos de aprendizagem / Renata Sousa Azevedo. - 2020.
55 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências
Biológicas e da Saúde , 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa ,
Clínica Academia Escola de Educação Física - CCBS."
1. Ginástica rítmica. 2. Prática extracurricular. 3. Perfil
profissional. I. Título

21. ed. CDD 796.44

RENATA SOUSA AZEVEDO

CENÁRIO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM CAMPINA GRANDE-PB: PERFIL
DE PROFESSORES, INSTITUIÇÕES DE ENSINO E OBJETIVOS DE
APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso de
Especialização em Educação Física
Escolar da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Especialista em
Educação Física escolar.

Área de concentração: Estudos
pedagógicos na Educação Física Escolar.

Aprovada em: 08/12/2020.

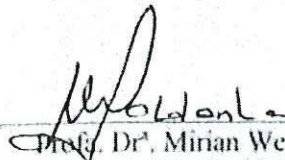
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dr^a. Elaine Melo de Brito Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Ms. Glycia Melo de Oliveira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)



Prof^a. Dr^a. Mirian Werba Saldanha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

À Deus que permitiu que tudo acontecesse ao longo da minha vida, e não somente na vida acadêmica, mas como em todos os momentos, me permitindo sonhar e realizar meus sonhos.

Aos meus familiares, que mesmo de longe torcem e acreditam no meu potencial, especialmente à minha mãe, Maria Roberlândia por toda sua dedicação, amor, incentivo e educação, minha base e referência de força, garra e conquista.

À professora Elaine Melo de Brito Costa, por ter aceitado orientar o trabalho, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e referência como profissional.

Aos colegas de caminhada pelos momentos de amizade e apoio, em especial às minhas amigas Karina Carvalho e Valesca Almeida, que ao longo de toda a trajetória se fizeram parceiras de trabalhos, estudos, conquistas e em especial se fizeram família.

Aos professores do curso de especialização em Educação Física Escolar que contribuíram ao longo dessa busca pelo conhecimento por meio dos módulos, debates, práticas e troca de experiências.

RESUMO

Observando o cotidiano da Educação Física, em escola da rede privada, destaca-se que há uma predominância das vivências com jogos e brincadeiras, bem como, os esportes. As ginásticas, um dos conteúdos estabelecidos, estão mais ausentes da Educação Física escolar e mais presentes nas escolinhas esportivas, que são proporcionadas como atividade extracurricular para o aluno que deseja praticar alguma modalidade fora do horário regular de aula. A intenção do estudo em investigar a Ginástica Rítmica, foi motivada pela minha atuação profissional, na escola, na prática docente extracurricular. Nesse sentido, os objetivos deste estudo foram: identificar o perfil de professores que atuam no ensino da GR, em Campina Grande-PB, mapear as instituições de ensino que tratam a GR na cidade, buscando compreender o lugar da GR, como também, analisar os objetivos de aprendizagem estabelecidos pelos professores(as) no trato da GR nestes espaços educacionais. Além destes, o estudo buscou também, identificar a trajetória da GR a partir dos eventos citados pelas participantes da pesquisa. O trabalho caracteriza-se como um estudo de campo descritivo, onde foi feito o levantamento de professores que atuam com GR em escolas (instituições privadas) e não-escolares, que ofertam a prática de GR na cidade. O grupo investigado foi constituído por duas professoras que atuam com a GR, em Campina Grande. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. O estudo revelou o perfil de professoras, com experiência anterior com a ginástica ou balé clássico, graduadas em Educação Física, atuam em instituições diferentes. Os objetivos de ensino, profissionais e institucionais estão centralizados no desempenho, em desenvolver atletas para competição de alto rendimento, bem como, tornar Campina Grande numa cidade de referência da GR.

Palavras-chave: Ginástica Rítmica. Prática extracurricular. Perfil profissional.

ABSTRACT

Observing the daily routine of Physical Education, in a private school, it is highlighted that there is a predominance of experiences with games and games, as well as sports. Gymnastics, one of the established contents, is more absent from school Physical Education and more present in sports schools, which are provided as an extracurricular activity for students who want to practice some sport outside of regular class hours. The intention of the study to investigate Rhythmic Gymnastics, was motivated by my professional performance, at school, in the extracurricular teaching practice. In this sense, the objectives of this study were: to identify the profile of teachers who work in the teaching of GR, in Campina Grande-PB, to map the educational institutions that treat GR in the city, seeking to understand the place of GR, as well as to analyze the learning objectives established by teachers in dealing with GR in these educational spaces. In addition to these, the study also sought to identify the trajectory of RG from the events cited by the research participants. The work is characterized as a descriptive field study, where the survey of teachers who work with GR in schools (private institutions) and non-schoolers, who offer the practice of GR in the city, was carried out. The investigated group consisted of two teachers who work with the GR, in Campina Grande. The instrument used for data collection was the semi-structured interview. The study revealed the profile of teachers, with previous experience with gymnastics or classical ballet, graduated in Physical Education, working in different institutions. The teaching, professional and institutional objectives are focused on performance, on developing athletes for high-performance competition, as well as making Campina Grande a reference city in the GR.

Keywords: Rhythmic Gymnastics. Extracurricular practice. Professional Profile.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Dificuldades de salto	24
Figura 2 –	Dos Clássicos às Danças Livres	36
Figura 3 –	Quatro elementos	37
Figura 4 -	Balé carnaval	37
Figura 5 -	II Festival de Ginástica Rítmica Motiva	38
Figura 6 -	1ª Mostra Campinense de Ginástica Rítmica	38
Figura 7 -	III Festival de Ginástica Rítmica Motiva	39
Figura 8 -	“Baile de Décadas dos anos 50 aos 90”	39
Figura 9 -	I Festival AABB de Ginástica Rítmica	40
Figura 10 -	II Festival AABB de Ginástica Rítmica	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Perfil do profissional	22
Quadro 2 –	O encontro com a GR	24
Quadro 3 –	Objetivos e Metas no trato da GR nas instituições	26
Quadro 4 -	Futuros projetos e a GR na escolinha e na Educação Física Escolar	29
Quadro 5 -	Contextos da GR na atualidade	32
Quadro 6 -	Eventos com a participação da GR em Campina Grande-PB	35
Quadro 7 -	Perspectivas para a GR em Campina Grande-PB	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	JUSTIFICATIVA	12
3	REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1	CONTEXTUALIZANDO A GINÁSTICA E A GR NA ESCOLA	13
3.2	A GR NO CONTEXTO EXTRACURRICULAR	17
4	METODOLOGIA	19
4.1	INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	19
4.2	LOCAL DE PESQUISA	20
4.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA	20
4.4	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	20
4.5	PROCEDIMENTOS DE DADOS	20
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
5.1	Perfil dos profissionais que atuam na GR	22
5.2	O encontro com a GR e o seu trato nas instituições	24
5.3	Objetivos, Metas e Dificuldades no trato da GR nas instituições	26
5.4	Os projetos profissionais e a GR na escolinha e na Educação Física escolar	30
5.5	Contextos da GR na atualidade	32
5.6	A trajetória da GR em eventos na cidade	35
5.7	Perspectivas para a GR em Campina Grande	42
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA	49
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS	50

1 INTRODUÇÃO

Atenta ao que me cerca profissionalmente, esse trabalho carrega um interesse singular, considerando meus investimentos na escola e nas ginásticas, e especialmente, a ginástica rítmica. No desejo de não somente concluir uma etapa de minha formação continuada, mas ao mesmo tempo, iniciar um novo ciclo como profissional do magistério na condição de especialista em Educação Física Escolar.

Nesse sentido, partimos da realidade escolar em que a partir deste ano 2020, as escolas de educação básica precisaram implementar a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, mesmo diante de muitos embates e debates em torno do documento que ainda não foram cessados. Esse documento integra parte de uma política educacional iniciado no governo Dilma Rousseff, concluído e homologado, em 2017, no governo de Michel Temer. A BNCC tem o propósito central de apresentar-se como o documento norteador para o currículo escolar, da educação básica, de todas as regiões do Brasil. A partir deste documento que trata todas as áreas de conhecimento da educação básica, as escolas públicas e privadas teriam que implementar a BNCC nas escolas.

Como dito, a BNCC é um documento norteador para a educação básica, considerando a Educação Infantil (exceto para a Educação Física), Ensino fundamental e Ensino Médio. O documento aponta competências específicas para cada fase do aluno até concluir o ciclo da educação básica. A partir do ensino fundamental os alunos começam desenvolver habilidades através das competências estabelecidas em cada área de conhecimento, que são elas: Ciências da Natureza e suas tecnologias (Biologia, Física e Química), Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia), Matemática e suas tecnologias, e por fim a área de Linguagens (Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa).

Alinhado ao documento da BNCC, o estado da Paraíba também apresenta uma Proposta Curricular, documento que norteia a educação básica nesse estado e que foi produzido por professores, que pesquisam e vivenciam a realidade e o contexto histórico-social das escolas na Paraíba.

A linguagem corporal é a que predomina ou fundamenta a Educação Física nessa área, embora o documento apenas cite sem aprofundar o argumento. Para a pesquisa, compreensão, experimentação e reflexão sobre a linguagem corporal apontam possibilidades aos alunos de ampliar sua consciência e prática corporal, como sujeitos sociais, históricos e culturais, mesmo reconhecendo a verticalidade e potencialidade que o termo linguagem traz em si para

tratar os signos e símbolos, sentidos e significados que entrelaçam a Educação Física, e consequentemente, as práticas corporais no campo da linguagem.

No ensino fundamental, a Educação Física apresenta unidades temáticas, que são conteúdos que precisam ser abordados estando alicerçados nas dimensões do conhecimento: experimentação, fruição, uso e apropriação, compreensão, análise, construção de valores e protagonismo comunitário. Em cada unidade temática são apresentados os objetos de conhecimento que devem ser trabalhados em cada agrupamento de anos: 1º e 2º ano, 3º ao 5º ano, 6º e 7º ano, 8º e 9º ano.

As unidades temáticas trabalhadas no ensino fundamental anos iniciais são brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças e lutas, e nos anos finais são todas as unidades temáticas dos anos iniciais mais a unidade de práticas corporais de aventura. No entanto, destaca-se que essa organização não acompanha o ensino médio.

A pesquisa trata especificamente sobre a ginástica rítmica. No entanto, destaca-se brevemente que a história da Educação Física é também contada pela história da ginástica europeia, através das escolas ginásticas no século XIX. Ambas estiveram e estão entrelaçadas. A finalidade da Educação Física, que surgiu na consolidação de uma nova sociedade com o intuito militar e higienista, onde os corpos necessitavam ser fortes, para essa nova sociedade, tornava-se necessário “construir” um novo homem: mais forte, mais ágil, mais empreendedor (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

De acordo com Soares (1998), a ginástica carregava consigo princípios de organização no cotidiano do indivíduo como noção de economia de tempo, e potencialização das ações e dos gestos para cultivo à saúde e gasto de energia. Assim, iniciou a sistematização dos métodos ginásticos que foram sendo aplicadas com os interesses diversos que cada escola de ginástica apresentava.

Esta modalidade de ginástica nasce com a escola alemã, influenciada pela pedagogia de Rousseau (SOARES, 2001). No decorrer da história, a GR sofreu várias influências e transformações, e hoje é conhecida como uma modalidade que [...] *é a combinação de elementos corporais (saltos, equilíbrios, flexibilidades, pivôs, ondas, diversas formas de andar e correr, saltito e outros) com os movimentos dos aparelhos manuais oficiais (corda, bola, arco, maçãs e fita) em harmonia com a música, escolhida para cada momento, denominado de composição coreográfica.* (GAIO, 2013, p. 17). De acordo com a autora, na

Educação Física a GR é um conteúdo que pode e deve ser abordado para todos, através da exploração e descoberta de novos movimentos, sejam eles técnicos ou expressivos, de forma planejada e ser oferecida de forma inclusiva para que as crianças aprendam e vivam com suas limitações e potencialidades.

Na minha vivência escolar, como professora, percebo que a Educação Física na escola, de maneira geral, é um dos componentes curriculares preferidos dos alunos, saem da sala alegres, vibrantes, muitas vezes entre gritos e correrias. Muito provavelmente, movidos pela ideia de movimentar-se, pelas afinidades com alguns ou o conjunto de práticas corporais que constituem a cultura corporal de movimento, ou até, pela possibilidade de vivenciar, mesmo que não tenha consciência, de um processo de aprendizagem cuja essência da aula se diferencia das demais, onde o corpo é convidado a compreender, experimentar e expressar gestualidades que marcam sentidos e significados destas práticas.

Observando ainda o cotidiano da Educação Física, em escola da rede privada, destaco que embora o campo da Educação Física escolar tenha que tratar esse conjunto de práticas corporais, na educação básica as ginásticas estão mais presentes nas escolinhas esportivas, como atividade extracurricular, geralmente ofertada para o aluno que deseja vivencia-las fora do horário regular de aula. Porém, a atividade extracurricular está para além da oferta na escola. Para Paixão (2006, p.138-139),

“as atividades extracurriculares ou, ainda, atividades não-obrigatórias, são aquelas que não compõem a grade curricular de um curso, como por exemplo: ensaios cívicos, festas juninas, dia do índio, concursos, entre outras festividades que a escola realiza no decorrer do ano letivo. Embora, a prioridade recaia sobre as atividades curriculares, no processo transmissão-assimilação, as atividades extracurriculares estão presentes fora dos limites da sala de aula, mas ao mesmo tempo presentes no currículo oculto ou dissimulado da escola, constituindo-se em experiências adicionais e integrativas das esferas privada e pública dos alunos na escola.”

Embora o autor exemplifique as atividades extracurriculares voltadas às festividades do calendário escolar, a pesquisa considera as escolinhas esportivas como atividades extracurriculares pela sua característica adicional, mas não obrigatória, considerando que na maioria das vezes, pais e/ou responsáveis arcam com os custos financeiros destas aulas, cobrados pelas escolas da rede privada, clubes, escolas de dança, dentre outras.

Ciente da especificidade do conhecimento que a Educação Física deve tratar na escola, bem como, da atribuição da escola para este entendimento, acredita-se que escola e professores de Educação Física possam reconfigurar o trato das ginásticas nas aulas de

Educação Física escolar, como também, repensar a prática extracurricular nas escolas como experiência educativa e formativa. Portanto, as experiências curriculares e extracurriculares devem propiciar acesso ao conhecimento, estimular a criatividade, o trabalho em conjunto das diferenças, reflexões sobre o indivíduo, ampliar os sentidos, onde a inclusão e o prazer devem estar presentes. Para a pesquisa, as práticas extracurriculares precisam estar alinhadas ao projeto educativo da escola, mesmo voltada à iniciação esportiva e/ou artística e visando o aprimoramento técnico, o estudante pode iniciar sua participação em competições, mas sem desconsiderar a função social da escola na formação do Ser.

A intenção de investigar a GR é motivada pela minha atuação profissional, na escola, no âmbito extracurricular, como mencionado no início deste estudo. A partir de 2015, observei, nas escolas, um aumento de turmas de GR ofertadas, bem como, o aumento de instituições não-escolares (as que não são da rede regular de ensino), na cidade de Campina Grande abrindo turmas de GR, como teatro municipal, escolas de dança, clubes, etc.

Nesse sentido, os objetivos deste estudo são: identificar o perfil de professores que atuam no ensino da GR, em Campina Grande-PB, mapear as instituições de ensino que tratam a GR na cidade de Campina Grande-PB, buscando compreender o lugar da GR, como também, analisar os objetivos de aprendizagem estabelecidos pelos professores(as) no trato da GR nestes espaços educacionais. Além destes, o estudo buscou também, identificar a trajetória da GR a partir dos eventos citados pelas participantes da pesquisa.

O estudo apresenta então, as seguintes questões de pesquisa:

Qual o perfil de professores que atuam com a prática da GR na cidade de Campina Grande?

Qual a natureza e objetivos das instituições na cidade de Campina Grande-PB na promoção da prática da GR?

Qual a trajetória da GR no contexto de eventos, na cidade de Campina Grande-PB a partir dos relatos dos participantes do estudo?

2 JUSTIFICATIVA

Considerando o crescimento no número de crianças e jovens, de escolas regulares da educação básica e outras instituições para a oferta da GR, especialmente como modalidade, nas escolinhas de esporte, o estudo desperta inquietações voltadas à GR em Campina Grande, especialmente voltadas ao mapeamento da vivência da ginástica rítmica, nesta cidade paraibana, apresentando o perfil de professores que atuam no campo da GR e as instituições de ensino que tratam desta prática corporal.

O estudo revela-se também pertinente por buscar compreender os objetivos de aprendizagem estabelecidos para a vivência da GR. Desta forma, a partir do estudo, poderão ser apontados o lugar da GR nestes espaços de formação, seja ele escolar ou não (clube, teatro, etc.), bem como, apresentar o cenário da GR que de alguma forma contribua com a memória em Campina Grande-PB.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 CONTEXTUALIZANDO A GINÁSTICA E A GR

A ginástica se manifesta dentro do processo histórico de diversas formas e significados, tudo começou no século XIX, com as escolas ginásticas europeias, que tinham propósitos de promover saúde, regenerar a raça, desenvolver a moral, coragem, força, vontade e energia de viver. Os países que compunham as escolas ginásticas eram Suécia, França, Alemanha e Inglaterra. (SOARES, 2005)

Nesse movimento cada escola compartilhava dos propósitos citados acima em comum, a sociedade europeia compreendeu a sistematização de força, jogos populares e da nobreza, acrobacias, dança, exercícios militares de preparação para guerra como conteúdo de formas e linguagens das práticas corporais, entendida e chamada de: ginástica. Entendendo então esse conjunto de práticas como ideia de saúde, vigor e moral. E logo após contribuindo também para a Educação Física. (SOARES, 2005)

Mesmo compartilhando de objetivos similares, as escolas também traziam suas particularidades, como a escola alemã, que originou a ginástica rítmica. A escola alemã tinha como sua base científica a fisiologia, anatomia e biologia, e como um dos fundadores Guts

Muths, que defendia a prática da ginástica como meio educativo fundamental para a nação, com os cuidados higiênicos, e cuidado ao corpo saudável e espírito nacionalista. (SOARES, 2001)

Segundo OLIVEIRA (2010) a GR passou por várias nomenclaturas, “é fruto da ginástica moderna, a qual, no decorrer dos anos, assumiu outras denominações: ginástica feminina moderna, ginástica rítmica moderna, e ginástica rítmica desportiva”. Sofrendo influência da dança, arte, música e teatro.

Ainda nesse contexto (SARÔA, 2005, p. 31) comenta sobre as origens das GR:

“A ginástica rítmica teve suas origens baseadas na arte e no balé, no início do século XX na Europa central, porém tem como origem mais remota o seu ponto de partida na eclosão de ideias do século XIX, através do resultado de observações científicas do movimento, da educação musical e da dança, da psicologia, da pedagogia, da sociologia, da biologia e anatomia.” (apud HOLLER, 1972)

Além dessas influências na GR, foi acrescentada os aparelhos que hoje são obrigatórios para competição como a corda, arco, bola, fita e maças. Assim a GR é resumida e conhecida:

“mundialmente como esporte eminentemente feminino, realizado com cinco aparelhos (corda, bola, arco, fita e maças) e as mãos livres. As competições oficiais se estabelecem por meio da apresentação de uma sequência de movimentos que englobam técnica corporal, manejo dos aparelhos e aspectos rítmicos. Tal sequência pode ser desenvolvida individualmente ou em conjunto de cinco ginastas. Ela é regida por um código de pontuação estabelecido pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), que atribui valores aos elementos e características específicas da GR.” (OLIVEIRA, 2010, p. 7)

Dentro da história de competição a GR teve sua primeira participação nos Jogos Olímpicos no ano de 1984, apenas com séries individuais, teve a participação de séries em conjunto a partir do ano de 1996. (SARÔA, 2005)

Como já foi citado no presente estudo a ginástica no geral sempre andou alinhada e integrada à história da educação física, mas na realidade atual observamos que dentro da escola, [...] *espaço no qual as diferentes manifestações da cultura corporal devem ser ensinadas e aprendidas pelos alunos, não excluindo saberes ou reforçando aqueles mais tradicionais presentes no currículo, no caso voleibol, futebol, entre outros* (RINALDI e CESÁRIO, 2005), a ginástica se tornou um conteúdo pouco explorado nas aulas de educação física.

Para maior esclarecimento iniciaremos com o entendimento da GR para além da prática técnica e alta performance, conhecendo sobre o que os documentos apontam sobre o determinado conteúdo, como ela se manifesta na prática curricular.

A Ginástica como conteúdo nas aulas de Educação Física proporciona ao aluno experimentar e identificar movimentos acrobáticos, saltos, giros, podendo ser vivenciados de forma individual ou coletiva. Discutir a segurança para a prática desses movimentos, e entender o limite e as diferenças do seu próprio corpo e do próximo (BRASIL, 2017). A ginástica rítmica é classificada no bloco de ginástica geral, dentro de todo o conteúdo ginástica, e esportes também por conta da competição.

De acordo com a BNCC, a ginástica rítmica inicialmente é apresentada aos alunos nos 1º e 2º anos do ensino fundamental I, como objeto de conhecimento a ginástica geral, que comporta a ginástica rítmica explorando movimentos acrobáticos e expressivos do corpo, de maneira individual ou coletiva. Após o primeiro contato, os alunos vivenciam a GR no conteúdo Esportes, nos 6º e 7º anos, como um esporte técnico-combinatório.

Ainda assim, encontramos casos em que a GR não é explorada por alguns professores, como apontam na sua pesquisa (RINALDI e CESÁRIO, 2005) que: professores afirmam “não se considerarem capacitados para trabalhar com a GR por falta de conhecimento” e, que “não trabalham por falta de espaço físico e materiais adequados”, o que evidencia a ideia da GR ligada ao esporte de competição, unicamente no formato institucionalizado. A visão de esporte como rendimento, veiculada nessa disciplina durante a formação profissional, acaba eliminando a possibilidade de trabalho além dos ditados pela modalidade (alto nível de rendimento e performance, materiais obrigatórios, espaço determinado e vestimenta estritamente feminina).

Mesmo tendo um documento base com os conteúdos que devem ser ofertados durante as aulas de educação física, os professores encontram dificuldade ou se negam trabalhar a proposta curricular de ginástica na aula. E até mesmo tratar, quando abordam, de maneira parecida a extracurricular, de uma maneira mais próxima ao rendimento, sem levar em consideração a crítica a partir da experiência e a construção própria de cada aluno.

É importante destacar a diferença do conteúdo da ginástica dentro das aulas de educação física, pois além dos professores terem a tendência de aplicar a *performance* do

esporte, os alunos também podem querer o mesmo, já que somos influenciados pela mídia e o que ela nos mostra são corpos padronizados, executando movimentos perfeitos.

Diante de todos aspectos e situações da GR na escola, no estudo de RINALDI e CESARIO (2005) eles apresentam possibilidades de intervenção para uma possível organização da área de conhecimento da GR. Algumas das possibilidades são: confecção dos aparelhos feito pelos próprios alunos, relação com a cultura popular, padrões de corpo na modalidade, estética e saúde, questão de gênero: a ginástica como esporte feminino, entre outros.

Ginástica geral e ginástica rítmica não são sinônimas, mas compreende-se que no trato da ginástica geral elementos constitutivos da GR estão contemplados. Portanto, corrobora-se com AYOUB (2001) ao afirmar que a ginástica geral propicia ao campo da educação física escolar abertura e outras configurações ginásticas. Para a autora, as experiências que os alunos terão ao experimentar a ginástica servirá para construções de valores e reflexão, e o professor tem um papel essencial de mediador nesse desenvolvimento. Enfatiza ainda, ginástica é “vivenciar, conhecer, estudar, compreender, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, aprender inúmeras interpretações para, com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica” (IBDEM, p.31).

3.2 A GR NO CONTEXTO EXTRACURRICULAR

No estudo de CESÁRIO (2001) se discute a realidade educacional brasileira, apontada na maioria das vezes como um ensino que não segue uma pedagogia emergente de orientação específica, com vertentes progressistas ou diretrizes curriculares que possam ser definidas com clareza em uma perspectiva que trace caminhos para superação.

Nas escolas brasileiras ainda podemos perceber a esportivização dos conteúdos, não só da ginástica, mas de outras práticas trazendo padrões elitizados que não cabem dentro do dia a dia da sala de aula. Ainda nesse mesmo estudo Cesário (2010) complementa citando sobre a obra de Dieckert (1985, p. 11) “O Brasil precisa entender que o caminho para o esporte de alto rendimento é uma trilha estreita que só poderá ser disputado por alguns poucos selecionados. A escola não se presta para isso”.

No estudo de Oliveira (2012) ao falar sobre as práticas esportivas na escola, enfatiza a presença delas dentro das aulas de educação física e fora. Ao serem praticadas fora da

Educação Física é reconhecida como uma atividade extracurricular, podendo representar a escola em competições ou não. As atividades extracurriculares não se limitam apenas às práticas esportivas.

No site do Ministério da Educação, Quézia Bombonato, que é presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia, fala sobre as atividades extracurriculares oferecidas pelas escolas brasileiras, que “são utilizadas para diversas finalidades, como despertar a criatividade e o talento nos estudantes e melhorar o desempenho em sala de aula, as atividades complementam e enriquecem a vivência acadêmica e favorecem o processo de formação”.

Ela acredita que podem fazer parte dessas atividades oficinas de artes (teatro, música, artes plásticas, dança), esportes, arte culinária, artesanatos, marcenaria e feiras culturais, entre outras atividades. Mas precisam cumprir um projeto pré-elaborado, com um trabalho de estimulação cognitiva nas diferentes áreas, seja de atividades de desenvolvimento socioafetivo, trazendo uma contribuição tanto no desempenho acadêmico quanto na formação geral do indivíduo. BRASIL. Ministério da Educação (2018)

Na investigação de Lopes (2009), é feita uma análise sobre atividades esportivas extracurriculares comentando alguns autores como Apolo (20017), Gaya e Torres (2002, 2004) e Tubino (2002) que corroboram no pensamento de que o esporte na escola mesmo praticado fora da aula de educação física, tem como objetivo a educação, devem compor o currículo complementar da escola. Com o intuito de multiplicar as aprendizagens das modalidades esportivas sem fazer exclusão com critérios de *performance* para criação de equipes escolares.

Ainda no comentário do estudo embora o intuito do esporte escolar seja de multiplicar as aprendizagens em diversidade, as escolas ainda oferecem as modalidades extracurricular aproximando-se do rendimento, o que não seria o mais adequado em um ambiente escolar, devido as características de treinamento específico em algumas turmas, para fim competitivo.

Oliveira (2012) critica em sua investigação até sobre os Jogos escolares, em que acredita ser oferecido com uma perspectiva educacional, destacando a aprendizagem de valores e acréscimo na formação do aluno, mas percebe como utilização para encontrar novos talentos, selecionando e excluindo os menos habilidosos para atender o mercado esportivo, divergindo dos fins de uma instituição educacional.

Voltando ao estudo de Lopes (2009) sobre atividades esportivas extracurriculares na escola, analisa que a escola é parte da sociedade infantil, e por meio da educação física vivenciar algumas manifestações esportivas, e então a partir daí, se motivarem para alguma prática específica em atividades extracurriculares.

São vários os fatores que determinam a participação das crianças em atividades extracurriculares como: melhorar as habilidades motoras, entretenimento, aumentar o círculo de amizade, alcançar sucesso ou vitória e desenvolver condições físicas.

A ginástica rítmica na proposta extracurricular oferece a iniciação ao esporte, onde as alunas brincam de ginástica e experimentam os movimentos que a modalidade oferece (AHLERT, 2011). As alunas têm a oportunidade de conhecerem mais a fundo sobre a modalidade pois terão aulas totalmente dedicadas a especificidade da GR.

Para RAPP (2012) a participação em atividades extracurriculares carrega consigo a melhora das habilidades motoras, aumento do círculo de amizades, entretenimento e desenvolvimento de condições físicas. E ANTUALPA (2011) complementa que a prática esportiva se torna múltipla quando praticada em diferentes ambientes, sem mudar sua essência, promovendo ganho social para quem pratica.

Assim como também acontece na prática da GR no contexto extracurricular não se limita apenas na escola, dado as influências ao longo da história que a ginástica sofreu, ela ocupa vários espaços como o teatro, escolas de dança, clubes, projetos comunitários e outros, mantendo a essência, mas adaptando seu objetivo para cada lugar que ocupa.

De acordo com AYOUB (2001) a ginástica ela pode ser descoberta tanto nas aulas de educação física como em espaços extracurriculares, mas lembra que é indispensável e de grande importância a sua presença nas aulas, pois esse conhecimento ao ser estudado na escola espera-se que seja confrontado o tradicional versus novas formas de se exercitar, dando oportunidade ao aluno de construir seus próprios significados.

Nessa perspectiva um dos meios instalados nas escolas para atender o modo extracurricular são as escolinhas, de acordo com AHLERT (2011, p. 42) “estamos nos referindo àquela turma onde as crianças são introduzidas no esporte, conhecem os principais elementos corporais e a ludicidade nos aparelhos. É onde elas ‘brincam’ de ginástica. Já na equipe, as aulas são mais especializadas, buscando a *performance*. O lúdico também tem seu lugar, mas muito menor”.

Nesse sentido as escolinhas de GR podem desempenhar um papel bastante importante, na medida em que suavizam as expectativas de desempenho e se abrem para uma maior diversidade de experiências aos alunos, para além daquela vivida na aula de educação física.

Nesse contexto é importante ressaltar que mesmo na escolinha ainda não há grande destaque para práticas competitivas, e sim participativas, difundindo o esporte para oportunizar sensações e experimentações aos alunos.

AHLERT (2011) complementa:

“A escolinha é o momento de experimentação do esporte, é onde a criança conhece um pouco de cada grupo corporal e elementos dos aparelhos, de forma a ser introduzida na GR de forma global e gradual. Mesmo havendo competições de nível escolar, estas são de cunho participativo e não tão competitivo, com o objetivo de difusão do esporte, pois as crianças não tem classificação conforme notas, e sim, são avaliadas como grupo ou individualmente, independente do que os outros grupos executam, visando passar para o nível seguinte. Ainda assim, os valores do “desafio pessoal” são propagados, onde o que se objetiva é conseguir atingir o maior número possível de níveis.” (p. 42)

Ainda nesse cenário existe a equipe comum nos clubes, onde o objetivo principal é obter títulos, existente nas escolas também onde há equipes em desenvolvimento da GR, onde normalmente é feita uma seletiva anterior, a execução de exercícios é levada em conta ou até mesmo meninas que são da escolinha serem selecionadas durante suas aulas para fazerem parte destas equipes.

As equipes acabam tendo mais destaque pela perfeição dos movimentos e a busca constante da beleza, mas a escolinha é sentida como mais agradável, onde há espaço para a alegria do movimentar-se ludicamente, onde os desafios são vivenciados um a um, sem pressa de serem transpostos e onde o brincar de ginástica está em primeiro plano. (AHLERT, 2011, p. 43)

4 METODOLOGIA

O trabalho é do tipo estudo de campo, de natureza descritiva, o estudo descritivo tem o “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42). No que se refere ao estudo de campo, GIL (2002) informa ainda ser um estudo parecido com o levantamento, se distinguindo nos pontos onde o de campo apresenta ter maior profundidade, tem flexibilidade para se assegurar mesmo quando acontecer uma reestruturação nos objetivos da pesquisa ao longo das observações.

O mesmo autor segue afirmando, “o estudo de campo constitui o modelo clássico de investigação no campo da Antropologia, onde se originou. Nos dias atuais, no entanto, sua utilização se dá em muitos outros domínios, como no da Sociologia, da Educação, da Saúde Pública e da Administração”. (GIL, 2002, p. 53)

Assim, o estudo de campo é descrito por focar em uma comunidade, o pesquisador observa mais do que questiona a interação dela, e se torna mais fiel e próxima do fenômeno por ser observada no próprio local dessa ação.

A pesquisa foi desenvolvida considerando aspectos éticos, tendo como base a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS. O presente estudo tem como número CAAE 33480820.0.0000.5187.

4.1 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

O instrumento para coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, na qual buscou sondar e compreender a vida dos respondentes perante a problemática investigada, buscando a “compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (BAUER; GASKELL, 2004, p. 65).

Os professores passaram pela entrevista que foi gravada individualmente, através de vídeo chamada pelo aplicativo “ZOOM”, devido o momento de pandemia. Durante a pesquisa os professores relataram com detalhes eventos que fazem parte também da história da GR na cidade, com a descoberta de eventos, festivais, competições entre outros, que já tenham participado.

Após as coletas de dados, as entrevistas de todos os participantes do estudo foram transcritas. Para em seguida, identificar e definir as categorias temáticas a partir não somente das recorrências. Para isto, foi criada uma ficha de conteúdo, contendo os eixos centrais do estudo que possam responder às inquietações do estudo.

4.2 LOCAL DA PESQUISA

O local da pesquisa foi na cidade de Campina Grande – PB, considerando instituições, onde atuam professores no campo da ginástica rítmica.

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população foi constituída por Professores(as) que atuam em diferentes instituições (de educação básica ou não), em Campina Grande/PB, no campo da GR, como prática

extracurricular. O grupo investigado foi constituído por duas (02) professoras que atuam na cidade de Campina Grande. A amostragem foi definida, através da chamada de bola de neve.

4.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Não participaram da pesquisa estagiários ou sujeitos sem o grau de licenciado ou bacharel em Educação Física, além daqueles que não atuam profissionalmente com a GR, em Campina Grande, seja em espaços escolares ou não; bem como, professores que atuam com outras modalidades ginásticas (ginástica geral, artística, dentre outras).

4.5 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

Inicialmente, foi procurada uma colega de profissão e atuação na GR como prática extracurricular. O estudo identificou, pelo tipo de amostragem bola de neve, professores que atuam com GR que, indicaram outros professores que atuam com a atividade curricular ou extracurricular. A amostragem bolo de neve, de acordo com BERNARD (2005) é uma técnica útil para estudar populações difíceis de serem acessadas, estudadas ou que não há exatidão sobre sua quantidade, já que é uma prática de descobertas e em crescimento na cidade.

A técnica de acordo com uma classificação de MILES e HUBERMAN (1994), norteou a pesquisa para a escolha dos participantes do estudo. Esse tipo de amostragem caracteriza-se basicamente por buscar um caso a outro, indagando os(as) professores(as) por outras pessoas, que possam ser relevantes ao estudo (FLICK, p. 47, 2009).

Em seguida, foram identificadas para o estudo duas professoras. Foram agendadas as entrevistas para a obtenção de informações que respondam às problemáticas deste estudo. As professoras passaram pela entrevista que foi gravada individualmente, através do aplicativo ZOOM.

Com base na entrevista, após a transcrição, foram identificados os eventos citados pelas participantes, com a participação da GR, na cidade de Campina Grande, no intuito de compreender a trajetória da modalidade em festivais, competições entre outros.

No sentido de minimizar os riscos individuais ou desconfortos, antes da entrevista foi esclarecido a cada participante que seu nome não seria revelado pelo estudo, de maneira a proteger de qualquer identificação por parte da instituição que faz ou fez parte. Foi apresentado, ao participante, o roteiro de entrevista, em sequência, informado ao convidado que ele(a) responderia somente às questões que não lhe causem estranhamento ou risco de exposição, de forma a amenizar qualquer constrangimento ou situação indesejável.

Após as coletas de dados, foram transcritas as entrevistas dos participantes do estudo, para que em seguida fossem identificadas e definidas as categorias temáticas. Para isto, foi criada uma ficha de conteúdo, contendo os eixos centrais do estudo que pudessem responder às inquietações do estudo.

O estudo se dividiu em seis categorias: **1 – Perfil profissional que atuam na GR, 2 – O encontro com a GR e o seu trato nas instituições, 3 – Objetivos, Metas e Dificuldades no trato da GR nas instituições, 4 – Os projetos profissionais e a GR na escolinha e na Educação Física escolar, 5 – Contextos da GR na atualidade, 6 – A trajetória da GR em eventos na cidade e 7 – Perspectivas para a GR em Campina Grande.**

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Perfil dos profissionais que atuam na GR

Na primeira categoria temática revela-se o perfil de professores que atuam na GR na cidade de Campina Grande, identificando ainda as instituições em que atuam.

Quadro I: Perfil profissional que atuam na GR

	PROFESSORA 1 – P1	PROFESSORA 2 – P2
Ano de conclusão do curso	2015	2016
Graduação	Licenciatura	Licenciatura
Tempo de atuação profissional	10 anos	6 anos
Instituição em que atua	3 Instituições: II (teatro), I2 (clube), I3 (escola da rede	3 Instituições: II (estúdio de dança), I2 (escola da rede particular) e I3

	<i>particular).</i>	<i>(escola da rede particular)</i>
Tempo de atuação com ensino da GR	<i>5 anos</i>	<i>6 anos</i>
O trato da GR é:	<i>Extracurricular</i>	<i>Extracurricular</i>

O quadro I apresenta o perfil de duas professoras que atuam na área de ensino à GR na cidade de Campina Grande. Ambas com licenciatura em Educação Física, e tempo semelhante de obtenção do grau, as professoras além de obterem o grau de licenciatura, estão na mesma instituição caminhando para o encerramento do grau de bacharelado também. O tempo de atuação com a GR possui uma diferença de quatro anos, e ambas atuam no ensino da GR como prática extracurricular, ou seja, as chamadas escolinhas de esporte. Percebe-se que a atuação profissional das participantes é anterior a conclusão de curso, sendo este um comportamento recorrente entre os estudantes de Educação Física, como se a sua experiência anterior de atleta ou praticante de uma modalidade o habilitasse para a atuação na área. Destaca-se, por exemplo, que a P1 ao entrar no curso em pouco tempo passou a atuar na área. Embora, esse debate não seja objeto de estudo desta pesquisa, a atitude de pesquisador não pode deixar de ressaltar para que condutas na formação profissional sejam ressignificadas.

A P1 apesar de conclusão similar a P2, atua profissionalmente com tempo maior, pois começou atuar com o ensino de ballet, “*Eu trabalhava com ballet clássico quando era mais jovem, e depois com a ginástica...*”. O ballet que também é uma prática de influência na GR, e de acordo com TIBEAU (1994, p. 18, apud PIRES, 2002, p. 35), discute que o treinamento da GR que faz uso de exercícios do balé clássico pode trazer contribuições para os movimentos que requerem amplitude, equilíbrio, sustentação.

Além da contribuição e influência do balé na GR, o código de pontuação da FIG (Federação Internacional de Ginástica) determina dificuldades corporais que são obrigatórias na série das ginastas. As dificuldades corporais são saltos, equilíbrios e rotações, e são oriundas do balé como salto “Jeté”, “Boucle”, equilíbrios na ponta ou meia ponta do pé, variando a pontuação de acordo com a dificuldade do exercício.

O código de pontuação da FIG vale para competições oficiais, internacionais de alto rendimento, e pode ser adaptado por exemplo, para Jogos Escolares, na qual são exemplificadas as dificuldades corporais obrigatórias com sua respectiva pontuação. Como exemplo a tabela de saltos dos Jogos Escolares do Paraná:

- Lista das Dificuldades de Salto:




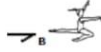



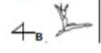



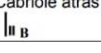
A = 0,10	B = 0,20	C = 0,30	D = 0,40	E = 0,50	F = 0,60	G = 0,70	H = 0,80
		Spacato à frente pernas estica- das, flexionadas ou laterais 		Jeté <i>entourmant</i> 	Com flexão de coluna (predomínio de trabalho de tronco) 		
	Corsa 		Corsa com círculo (pé na cabeça) 	Jeté com corsa 			
Uma perna em círculo 	Cosaque 			Corsa com flexão de coluna 			
Tesoura a frente ou atrás 	Tesoura: pernas acima da cabeça 						
Cabriole: frente ou lateral	Cabriole atrás 	Cambré					

Figura: 1 Dificuldades de salto

Fonte: Regulamento específico de Ginástica Rítmica – Jogos Escolares do Paraná

Ambas as entrevistadas atuam em três instituições, a P1 atua em 3 instituições com características distintas, sendo clube, teatro e escola de educação básica, da rede privada. Já a P2 atua em 2 escolas da rede de ensino privado e estúdio de dança. Esse dado aponta a GR para além do espaço escolar, em Campina Grande, em contextos distintos e com diferentes funções sociais. Nem todas as instituições são privadas, a exemplo do teatro que é um espaço de administração municipal, de ordem pública. No entanto, todas as instituições citadas que ofertam a GR na cidade cobram, à parte, pela modalidade.

Associando o perfil das professoras às instituições que atuam e ao grau de licenciadas em Educação Física, o estudo acompanha o pensamento de Lima (2010, p.33) ao trazer para o debate como horizonte de sentido para as transformações do trato da ginástica na Educação Física está justamente na formação de educadores numa perspectiva reflexiva, “com competências e habilidade para o ensino de ginástica, não apenas na escola, mas em qualquer ambiente em que ela possa se desenvolver”. O estudo entende que a prática docente atravessa o fazer profissional seja qual for o espaço de atuação do profissional na vivência com a GR.

A GR por ter várias bases, exige do profissional atuante saberes do esporte propriamente dito, composição coreográfica, música, movimento, código de pontuação, regulamentos esportivos, todo o processo de ensino-aprendizagem desde as categorias de base

ao alto rendimento, em relação ao ritmo; de dança, como o ballet clássico, jazz e contemporâneo; e de tendências do próprio teatro, SAMPAIO (2017).

Assim, com a diversidade de composição que a modalidade carrega, ela consegue abrir espaço em vários ambientes para que possa ser praticada, desprendendo da ideia de ver a GR apenas na escola como conteúdo da Educação Física ou no clube, como esporte para treino de rendimento. A GR revela-se como uma modalidade esportiva, olímpica, que contém elementos artísticos, transforma-se em espetáculo e experiência de lazer.

5.2 O encontro com a GR e o seu trato nas instituições

Nesta categoria, apresenta-se o encontro com a GR e o trato da GR nas instituições, destacados a partir de unidade de registro que remetem à síntese dos discursos das participantes.

Quadro 2: o encontro com a GR

	PROFESSORA 1	PROFESSORA 2
2.1 – Em que momento de sua trajetória profissional você deparou-se com a GR?	<i>Na universidade, através de um componente curricular.</i>	<i>Ginasta dos 6 anos aos 12 anos. Na formação profissional, já visava aprofundar e retornar a ginástica desta vez, como professora.</i>
2.2 – Quais as motivações para atuar nesse campo e trazer a GR para instituição em que atua?	<i>evolução das alunas na realização de movimentos ginásticos; as possibilidades com os aparelhos; as competições e festivais que são realizados fora.</i>	<i>O trato recente da GR em Campina Grande, dar visibilidade a GR e a experiência anterior como ginasta.</i>

Diante da narrativa das professoras pode-se perceber a importância do encontro e identificação com a ginástica ainda na formação, dentro da universidade. A P2 já tinha influência por ter praticado GR na infância, e já iniciar com a intenção de aprofundar o conhecimento voltado ao ensino, para atuar como professora. E já a P1 se identificou com uma prática que para ela ainda era desconhecida, e fez disso mais um instrumento de trabalho, quando ela diz “*O primeiro contato que eu tive com ginástica rítmica foi na universidade, através de um componente curricular que eu paguei... e foi onde eu me identifiquei com a ginástica*”.

A descoberta e identificação que a P1 teve na universidade, se estende como motivação para possibilitar isso às alunas, dando a oportunidade de conhecer a ginástica

rítmica. CESÁRIO (2001, p.129) afirma que “a capacidade de intervenção na realidade, de maneira crítica, reflexiva, autônoma só é possível por meio de uma formação inicial sólida, competente e de qualidade”. Por isso é importante que durante a graduação, os professores ainda em formação se deixem experienciar nas diversas oportunidades oferecidas no meio acadêmico como, projetos de extensão e pesquisa, congressos, desenvolvimento de trabalhos científicos, organização de eventos e outros, para que o processo de identificação seja mais fácil.

Ao responderem sobre as motivações para atuarem no campo da GR, a P1 aborda as possibilidades de evolução dos movimentos e o uso dos aparelhos na ginástica, e menciona também as competições e festivais. O relato da P2 parte da motivação desencadeada pela experiência anterior de ginasta, agora professora de Educação Física, no sentido de participar de um momento importante da GR, em Campina Grande, dando visibilidade a uma prática corporal pouco difundida na cidade. “[...] *a ginástica é recente na nossa cidade, e isso é um fato que mais me motivou a trabalhar com ela, saber que a modalidade é desconhecida na cidade eu poderia ter a oportunidade de trazê-la. O fato de ter sido ginasta também me motivou a trabalhar na área*”. (Professora 2). Associando os relatos, a GR vai ganhando notoriedade não somente para as crianças, jovens e adolescentes, mas também, para outras populações que apreciam os festivais e as competições da modalidade.

Durante os levantamentos de fundamentação teórica, é comum em boa parte dos estudos sobre ginástica serem desenvolvidos por ex-praticantes de GR, seguindo no mesmo caminho da P2, profissionalizando e atuando na área, e começam estudos para investigar o comportamento do próprio meio científico da ginástica, que ainda é escasso comparado à outras modalidades mais populares. Como exemplo o depoimento de Lima (2010) “*o interesse pelo universo gímnicco manteve-se sempre em minha vida inicialmente como praticante, depois como aprendiz de professora e, por fim, fiz a primeira pesquisa científica nesta área*”. Corroborando nesse pensamento na pesquisa de Lourenço (2015), com atletas da seleção brasileira, é relatado que 83,3% delas optaram por formação inicial em Educação Física, e ainda 25% possuem especialização na área de ginástica rítmica.

5.3 Objetivos, Metas e Dificuldades no trato da GR nas instituições

Nessa categoria, o estudo apresenta aspectos como objetivos de ensino e metas estabelecidas voltadas às instituições e aos praticantes. Trazendo também as dificuldades que se revelam para atingi-los.

Quadro 3: Objetivos, Metas e Dificuldades no trato da GR nas instituições.

	PROFESSORA 1	PROFESSORA 2
2.3 – Quais os objetivos de ensino voltados à GR você aponta? Atua em mais de uma instituição, existem diferenciações entre eles?	<i>I1 - aumentar a flexibilidade, trabalhar a resistência, desenvolvimento postural I2 - o trabalho é de rendimento, com uma carga horária fixa e puxada. I3 – atrair as crianças para o esporte e o seu aprendizado, numa perspectiva mais lúdica.</i>	<i>Nas diferentes instituições são utilizadas as mesmas estratégias de ensino e possuem os mesmos objetivos: aumentar o repertório motor das alunas, propiciar o conhecimento do próprio corpo, através do ritmo, através da dança, desenvolver os aspectos de flexibilidade e a destreza no uso de aparelhos.</i>
2.4 – Quais as metas para os estudantes e instituição com relação à GR?	<i>mostrar o trabalho em desenvolvimento, através de coreografias, festivais, competições, levar o nome da instituição pra esses locais para que seja reconhecida.</i>	<i>Escola - desenvolver um trabalho que possa contribuir com a parte cultural da escola, participação em eventos. Estudantes – desenvolver, o máximo possível, às capacidades motoras e propiciar a vivência do próprio corpo.</i>
2.5 – Quais as dificuldades encontradas no ensino da GR, com relação à instituição e as alunas?	<i>Quanto à estrutura – relacionada à obtenção de aparelhos, considerando a falta de investimento da instituição para adquirir seus próprios, como também de espaço físico adequado à vivência da GR. Quanto aos estudantes - a questão da divisão de faixa etária e também de nível, onde crianças já praticantes e avançadas permanecem em nível anterior porque não se encaixam em turmas em função da idade ou horário. Mesmo assim, continuam fazendo GR.</i>	<i>espaço físico que limita a vivência da GR, a dificuldade de ter uma equipe de rendimento, mesmo existindo alunas aptas falta o investimento da escola.</i>

Observa-se no quadro 3 que os objetivos de ensino para a P1, são estabelecidos de acordo com a instituição em que atua. Relacionando o quadro 1 ao 3, a vivência da GR no teatro objetiva aumento da flexibilidade, resistência e desenvolvimento postural; no clube, objetiva o desempenho; na escola (educação infantil) promover o aprendizado e aproximação das crianças à GR, de maneira lúdica. Logo, os objetivos estão diretamente relacionados ao perfil das instituições, onde a escola de educação básica e infantil assume um papel mais formativo e de experiências que proporcionem as crianças estabelecerem vínculos.

Diferentemente do teatro e do clube que visam o desenvolvimento da técnica da GR e o desempenho. Enfatiza a Professora 1, “[...]na instituição 2, por exemplo a gente trabalha, atua como forma de rendimento, a gente procura trabalhar com uma carga horária mais fixa, mais puxada. Na instituição 3 é uma escola infantil, a gente trabalha com uma forma mais lúdica pra atrair as crianças pro esporte, elas aprendem também, mas de forma mais lúdica, não é tão puxado igual o rendimento”.

As duas professoras se referiram à flexibilidade. De acordo com Gaio (1996), a flexibilidade está nos princípios da prática como ampliação dos movimentos. Na observação de Pires (2002) as articulações do ombro, coxofemoral e a coluna demandam grande capacidade de flexibilidade, devido a exigência de equilíbrios, grande mobilidade articular e mudança de movimentos das pernas e tronco, como os saltos. Observa também que técnicas búlgaras de alto rendimento, realizam testes para a avaliação da flexibilidade das articulações das atletas, sendo de grande importância essa capacidade física para a prática. Dessa forma, o trabalho voltado à flexibilidade não somente permite a execução de movimentos da GR, como também, é uma capacidade física necessária à obtenção de resultados e desempenho.

Em relação aos objetivos traçados pelo professor no espaço em que atua, ainda com Pires (2002)

A prática da GR, a nível de performance, exige dedicação e muita responsabilidade por parte do praticante. Na execução dos elementos é fundamental um treinamento contínuo e periódico, já que, o nível de dificuldade aumenta a medida em que a ginasta evolui tecnicamente. Saber identificar os valores deste treinamento, da participação em competições, festivais ou mesmo apenas de uma prática somente pelo prazer e satisfação do movimento, é um exercício que deve ser claro no momento em que treinador e praticante traçarem seus objetivos para o trabalho.
(p.52)

Para a P2, os objetivos de ensino são os mesmos nos diferentes espaços de atuação, diferentemente da P1, ou seja, as duas escolas de educação básica e escola de dança (que oferta GR) possuem os mesmos objetivos de ensino relacionados ao aumento de repertório motor, o conhecimento do próprio corpo, do ritmo, da dança, desenvolver flexibilidade e a destreza no uso de aparelhos. Os objetivos traçados pela professora apontam para os objetos de conhecimento da GR como, corpo, ritmo, uso de aparelhos, capacidades físicas.

Na análise feita por Costa et al. (2016) comentam que a ginástica na escola precisa se manifestar com caráter formativo, possibilitando complemento à educação, promover o respeito à diversidade, onde todos os alunos possam experimentar e aprender algo novo, alcançando inúmeros resultados físicos, morais e intelectuais. A introdução do conteúdo Ginástica no âmbito escolar, deve incentivar a criatividade dos alunos, sendo atrativo para eles ao confeccionarem os próprios materiais, por exemplo, a possibilidade de reformular o

conteúdo confrontando as tradicionais formas de exercitação da escola, estabelecendo uma transformação na influência da calistenia e esportivismo nas aulas de Educação Física Escolar.

No entanto, a atuação das participantes do estudo não é na Educação Física Escolar, mas sim nas denominadas ‘escolinhas de esporte’, ou seja, situa-se no âmbito extracurricular. Nesse sentido, o aprendizado é especializado, enfatiza-se o aprendizado da iniciação técnica e performática, pois almeja-se o desenvolvimento do desempenho e o revelar de atletas potenciais para competições e resultados. Porém, o estudo pensa que mesmo assim, é possível articular a formação de atletas de GR à dimensão formativa deles, no sentido de desenvolver suas capacidades de criação estética, técnicas e reflexivas, bem como, a construção de valores e formas de convivência com o outro.

Em relação às metas voltadas para as instituições em que atuam, ambas destacaram importância de eventos, dar notoriedade ao trabalho que elas têm desenvolvido no âmbito das instituições, na cidade de Campina Grande. No trabalho de SARÔA (2005), explica que ao realizar o 1º Festival de Ginástica na cidade estudada em questão, deu-se início a uma série de festivais que se tornaram famosos na cidade, onde os atletas demonstravam o trabalho do ano todo em coreografias que reuniam graça, beleza e força.

É importante falar sobre a relevância desses eventos, pois eles carregam vários significados, podendo ser usados para superação pessoal das alunas, para treino e ensaio de uma competição que visa uma medalha ou prêmio. No estudo de Lourenço (2015) é chamado de “treino controle”, os eventos são aproveitados para teste de roupa, maquiagem, ajuste de coreografia e preparação com o público.

Sobre as dificuldades para o ensino da GR, em relação às instituições e alunas. No que diz respeito às instituições, ambas relatam sobre dificuldade na estrutura, espaço físico das instituições. P1 “[...]a questão da estrutura, não só de questão de aparelhos, que algumas instituições não querem investir pra ter o próprio aparelho, como também de espaço físico, que tenha altura, que tenha um tatame adequado, piso adequado, que tenha um espaldar...são materiais e acessórios que têm um custo elevado e que nem todas as instituições querem investir”.

O estudo de Lourenço (2015), já citado aqui, também relata como problema quanto a estrutura física do espaço de treinamento, até mesmo da seleção brasileira que participa de competições internacionais. Dificuldade com altura para lançamentos de aparelho.

Acredito que as dificuldades em relação às instituições estarem ligadas ao aspecto físico, seja por ser uma modalidade nova na cidade, está em processo de evolução em relação a isso, onde outros esportes sempre tiveram mais visibilidade. É interessante observar a preocupação

que as professoras têm para que o ambiente se torne parecido, e “adequado” para a prática da aula, e ter resultados com isso. P2 “[...]a limitação de altura e espaço físico, a dificuldade de ter uma equipe de rendimento, pois existe muitas alunas aptas pra isso, mas que não parte um investimento da escola”

Se acredita que a dificuldade de ter um espaço apropriado reflete na dificuldade de evoluir com as alunas, a P1 comenta sobre sua dificuldade “[...]E em relação aos estudantes a questão da divisão de faixa etária e também de nível, tem crianças que já estão a bom tempo, mas não conseguem se encaixar em turmas devido a idade, horário, aí acaba ficando algumas no nível mais baixo pra continuar fazendo”. Já a P2 não relata nenhuma dificuldade em relação as alunas.

O quadro 4 destaca a fala central das entrevistadas, em relação o que projetam profissionalmente com a GR, e a visão de cada uma sobre os objetivos do ensino da modalidade na EF e na escolinha.

5.4 Os Projetos profissionais e a GR na escolinha e na Educação Física escolar.

Quadro 4: Os Projetos profissionais e a GR na escolinha e na Educação Física escolar.

	PROFESSORA 1	PROFESSORA 2
2.6 – O que você projeta profissionalmente, para você, no campo da GR?	<i>Aumentar a equipe, em curto prazo, com maior número de meninas em competição, bem como, investir na estrutura para trabalhar elas.</i>	<i>Formar uma equipe de rendimento, trabalhar com o rendimento na GR, independente de ser na escola, ou em um espaço próprio, buscar trazer atleta de ponta, atletas que possam ir pra campeonatos nacionais, nos representar em competições grandes.</i>
2.7 – Para você existem objetivos diferentes voltados ao ensino da GR na Educação Física escolar e na escolinha? Quais, por exemplo?	<i>São diferentes. Na Educação Física remete a um trabalho mais lúdico. Nas escolinhas a GR é voltada ao alto rendimento, treino mais rígido para ter evolução. Não tem como levar uma aluna que não é de escolinha para uma competição, por exemplo, sendo que ela tem um contato mais lúdico do que as demais.</i>	<i>Na escolinha e na Educação Física o lúdico deve estar presente. No entanto, na Educação Física a GR deve buscar os movimentos da cultura da criança, as vivências na rua, de casa, de outros esportes, independente de ser menino ou menina. Na escolinha é um ensino mais técnico, mais específico, voltado pra grande uso da flexibilidade.</i>

Ao relatarem sobre o que projetam profissionalmente as participantes usam o mesmo termo “equipe” para representar o que almejam, P1 “Aumentar a equipe...aumentar a

quantidade, é um projeto a curto prazo, quero aumentar a quantidade de meninas pra levar pra competir, e investir mais na estrutura pra trabalhar com essas meninas”. P2 “[...], buscar o máximo possível uma equipe de rendimento, trabalhar com a parte de rendimento, independente de ser na escola, ou em um espaço próprio, buscar trazer atleta de ponta, atletas que possam ir pra campeonatos nacionais, representar a gente em competições grandes”

Diante das falas, observa-se que o projeto profissional das participantes está centralizado na GR de rendimento. A intenção de aumentar o público participante da modalidade, no formato de equipe visando o desempenho e participação em competições, visando resultados, ou seja, essa perspectiva corrobora com a prática comum das modalidades esportivas nas escolinhas esportivas em escolas, clubes e teatros. Os relatos demonstram que não há uma articulação entre o trato da GR na Educação Física Escolar e a Escolinha, por exemplo, não porque atuam somente nas escolinhas de esporte, mas por que possuem um foco na performance das crianças, jovens e adolescentes, ou seja, “torna-las atletas de ponta”, dar visibilidade a atuação como técnicas de GR de rendimento.

Ambas demonstram clareza que os objetivos de ensino da GR possuem particularidades na Educação Física Escolar (curricular) e na Escolinha de esporte (extracurricular). Elas convergem na afirmativa de que existe diferença sim. A ludicidade ao abordar o tema na Educação Física, P2 “[...]tanto na escolinha quanto na Educação Física a questão da ludicidade tem que tá presente, mas na Educação Física tem que ser voltada pra uma GR popular, que busque os movimentos da cultura da criança, as vivências na rua, de casa, de outros esportes, independente de ser menino ou menina, a gente junta tudo isso na GR.”

É importante a fala da P2, pois historicamente a GR de competição é exclusivamente feminina, quando não há abordagem desse conteúdo dentro das aulas de Educação Física, limitamos e reforçamos que esse conteúdo curricular não é possível ser vivenciado por todos os alunos, independente de gênero, ou material específico de competição. Por outro lado, percebe-se que essa abordagem também deve estar presente na Escolinha de esporte, pois compreender a trajetória e o sentido da GR como uma prática de competição feminina também deve ser apropriada pelas futuras atletas.

PIRES (2002) reforça a necessidade de uma Educação Física voltada não para o treinamento esportivo de alto nível, mas sim, com o desenvolvimento em todas as possibilidades do aluno. Assim tornar possível uma ginástica que faça parte e contribua para a formação por inteiro do aluno, trocando experiências de movimentos, sem colocar padrão de

movimento, enriquecendo o repertório motor e trazendo novas possibilidades tanto para o aluno quanto para o professor. Nesse contexto, o estudo acredita que o papel das Escolinhas também pode ser formativo, não somente para competição e rendimento, mas na formação de sujeito que com o outro convive, cria e estabelece trocas. Portanto, por mais que um lançamento de bola na GR requeira um aprendizado da técnica requer, ao mesmo tempo, uma compreensão do sentido e significado de formar e ser uma equipe.

A P1 acredita e reforça essa ideia da visão bem fragmentada nesse aspecto de competição, daí reforçar que *[...]os objetivos voltados ao ensino da GR na Educação Física eu acredito que seja mais como eu tenho trabalhado nas escolas, que é mais um contato com todos os aparelhos é um trabalho mais lúdico. E a das escolinhas que é com alto rendimento tem que ter uma puxada pra que elas evoluam, então são diferentes sim... não tem como levar uma aluna que não é de escolinha para uma competição, por exemplo, sendo que ela tem um contato mais lúdico do que as demais”*.

Outro aspecto a destacar é que a P1 acredita que o trato lúdico da GR é somente uma condição das aulas de Educação Física, já a P2 comenta que independentemente da aula de GR ser na Educação Física ou Escolinha, é importante a ludicidade estar presente. O lúdico é uma dimensão da existência humana. O que parece, no relato da P1 é que essa dimensão não condiz ou não se adequa à GR com fins de rendimento. Ora, se assim for, o modelo institucionalizado do treinamento da GR não faz ponderações sobre a faixa etária das crianças, sua maturidade física e motora, psíquica e emocional para participar de eventos de competição e cobrança de resultados. Esses aspectos são fundamentais, pois a criança é essencialmente lúdica, e a sua condição de futura atletas, não é de seu interesse.

5.5 Contextos da GR na atualidade

A última categoria do estudo, trata a GR em Campina Grande – PB trazendo suas memórias mais recentes a partir dos eventos citados pelas participantes.

Quadro 5: Contextos da GR na atualidade

	PROFESSORA 1	PROFESSORA 2
3.1 – Como você avalia a trajetória da GR em Campina Grande?	<i>Avalia positivamente, considerando o crescimento no número de praticantes e profissionais interessados em atuar na área.</i>	<i>Trajatória que tem evoluído de forma rápida, considerando o interesse anual de maior número de escolas e clubes na oferta da modalidade. A trajetória ainda é longa e profissionais capacitados para trabalhar com esse público.</i>

<p>3.2 – Quais os acontecimentos realizados que você destaca sobre a GR na cidade?</p>	<p><i>O Festival campinense, que realiza um espetáculo com todas as instituições que oferecem GR extracurricular e se apresentam, e também os cursos que foram oferecidos com ex-ginastas da seleção brasileira.</i></p>	<p><i>Os festivais das universidades, os festivais das escolas, os festivais dentro do Teatro, que é a união de todas as escolas, digamos que o do Teatro é aquele que a gente unifica tudo, mostra o trabalho de campina como um todo.</i></p>
---	--	---

Sobre a trajetória da GR na cidade de Campina Grande, as participantes avaliam positivamente, e de certa forma rápidas transformações, a partir do aumento do número de praticantes, do interesse de profissionais e instituições para o trato da GR, mesmo a P2 fazendo um destaque que há muito o que percorrer sobretudo no que se refere à capacitação de profissionais para atuar na área.

De acordo com as professoras participantes, diante do crescimento de praticantes na cidade, as turmas começaram a ficar cheias, assim foi e é preciso, auxiliares de classe para dar suporte às aulas, mas ao mesmo tempo é necessário que sejam capacitados, por isso o investimento por parte dos profissionais para planejar e enriquecer os processos de aprendizagens específicas da modalidade. A GR abordada no âmbito da licenciatura em Educação Física trata-a como objeto de ensino no conjunto das práticas corporais. No entanto, a ênfase ao treinamento, faz-se necessário ao professor que atua nas escolinhas entrelaçar os conhecimentos vistos na graduação sobre fisiologia do exercício, treinamento esportivo, psicologia educacional, além dos conteúdos técnicos e específicos da GR, como código de pontuação. A atuação na GR seja ela curricular ou extracurricular exige do professor envolvido na busca contínua por atualizações na área, na troca de experiências com outros profissionais que atuam, investimentos em cursos que tratam a GR.

Ao indagar sobre os acontecimentos realizados em destaque, as entrevistadas citaram alguns eventos que começaram a surgir, e acontecem na cidade. P1 *“o festival campinense, o primeiro, que foi um espetáculo de ginástica no palco do início ao final, porque antes a ginástica era só colocada no meio das outras danças, como dança contemporânea, dança do ventre e tudo mais, e o festival campinense foi só com ginástica rítmica, então teve várias escolas participando. E também os cursos que foram oferecidos com ex-ginastas da seleção brasileira”*.

Na condição de professora que atua na GR e tendo vivido juntamente com as participantes deste estudo, na condição neste momento de pesquisadora, me faz reforçar que

os cursos citados pela P1 dão suporte as falas iniciais sobre a questão do interesse e capacitação dos profissionais, onde os cursos com ex-atletas da Seleção Brasileira, foi um meio que as professoras de GR, na cidade atualmente, tiveram para que outros profissionais interessados em ingressar na carreira, tivessem a experiência, entendessem como funciona a realidade da modalidade. E além de capacitar os profissionais, as alunas que têm interesse em desenvolver a técnica e melhorar o desempenho também participassem.

O estudo feito por Lourenço (2015), com atletas e treinadoras da seleção brasileira de Ginástica Rítmica, também busca desse tipo de capacitação com treinadores estrangeiros, para possibilitar cursos aos treinadores de GR, mas comenta que há uma preocupação em capacitações apenas técnica, é importante ressaltar a formação inicial desses profissionais de ginástica.

Lima (2010), a formação continuada assume uma importância, neste contexto, como complementação daquilo que não pode ser aprofundado durante a formação inicial. Na pós-graduação, a tendência é a de especializar o profissional em áreas cada vez mais pontuais, numa perspectiva de centralização em temáticas específicas.

Destaca-se nessa categoria o anúncio dos festivais. A fala da P1 revela que essa mudança é a maior prova de crescimento de praticantes, e instituições que oferecem GR na cidade, modalidade que fazia apenas participações especiais, ganhou tantas praticantes que foi necessário um evento específico para que todas tivessem a oportunidade de mostrar o que aprenderam durante o ano. E o mais interessante é que não é em formato de competição, o objetivo é reunir todas as turmas praticantes de GR, independente de instituição, tempo de prática, idade, nível de dificuldade, uma grande confraternização e espetáculo para quem assiste. Embora, os projetos profissionais das profissionais estejam centralizados nos resultados em competições.

A P2 ainda reforça com sua fala “*Os festivais das universidades, os festivais das escolas, os festivais dentro do Teatro, que é a união de todas as escolas, digamos que o do Teatro é aquele que a gente unifica tudo, mostra o trabalho de Campina como um todo*”. De acordo com Lourenço (2015, p. 15) “Em nosso país o número de envolvidos cresce a cada ano nos diversos níveis da prática da modalidade, novos clubes e federações surgem oportunizando eventos para iniciantes e fortalecendo os campeonatos nacionais.” Em Campina Grande/PB não é diferente, os eventos realizados se tornam uma forma de divulgação da modalidade para quem oferece as aulas, e para o público conhecer e prestigiar mais uma forma as práticas corporais, como as danças e as ginásticas.

Os eventos carregam o nome de “festival”, pois não são competições, os festivais não buscam premiar a melhor apresentação e execução de movimentos, as participantes têm a oportunidade de conhecerem outras alunas de outras instituições, deixando de lado a alta competitividade e exigência que a modalidade trás. No estudo de AHLERT (2011) comenta “A vivência da GR transcende os limites de um esporte ou uma modalidade artística e parece, mesmo sem que nos demos conta claramente disso, veicular valores, modos de existir e conviver. Destaca-se a disposta adesão das praticantes à modalidade, apesar das exigências disciplinares.”

O festival proporciona às praticantes de GR uma oportunidade de vencer barreiras, superar a si mesmo em frente ao público, fortalecer apresentações para uma possível competição, onde vai rever os erros e acertos, sem o peso de apresentar com perfeição aquilo que foi proposto, desligar a comparação com uma atleta de alta rendimento, com apresentações que têm uma banca de arbitragem julgando.

Ainda no estudo de AHLERT (2011) é citado Bracht (2009) sobre um encontro de sentido em relação o esporte na perspectiva de alto rendimento e a prática sem a visão da cobrança de resultados que o alto rendimento exige:

Pensa que pode atribuir outros significados menos centralizados no rendimento e competição, permitindo ao educando vivenciar a prática esportiva como experiência formativa menos “refém” dos ideais capitalistas orientados para a competição. Poderíamos pensar que a GR opera com um tipo de exigência de “superação” que está mais alavancada pelos ideais da cultura contemporânea, onde a competição está mais centrada na ultrapassagem dos próprios limites pessoais do que na vitória sobre o outro. Numa cultura que fomenta e celebra superações individuais em detrimento das práticas cooperativas, alguns sentidos típicos das práticas de GR parecem reforçar essas novas modalidades de operação do capitalismo. (AHLERT, 2011, p.41)

Os eventos transformam-se em espaços de convivência, de trocas de experiências e de novos vínculos. Apreciar o outro numa sequência coreográfica de GR também é aprendizado significativo. Tais experiências cumprem a função social das instituições não somente de mostrar o que foi desenvolvido durante o ano, o aprendizado das estudantes, mas especialmente, os eventos levam ao público a estética da GR, compartilhando os elementos materiais que compõem a GR, as relações entre temas, cores e músicas dos figurinos, etc.

5.6 A trajetória da GR em eventos na cidade

Nessa categoria serão apresentados os eventos que marcaram a presença da GR buscando compreender a sua trajetória que a GR tem percorrido na cidade. Destaca-se nesse momento eventos que foram realizados com a participação e organização das professoras entrevistadas e que deram visibilidade a GR na cidade.

Quadro 6: Eventos com a participação da GR em Campina Grande - PB

ANO	NOME E IMAGEM DO EVENTO	NATUREZA	CONTEXTO DA GR
2015	<p><i>Dos Clássicos às Danças Livres</i></p>  <p><i>Figura 2</i> Fonte: Página @teatromunicipalcg no Instagram</p>	Festival	1ª participação especial da GR em um espetáculo de dança
2016	<p><i>Quatro Elementos</i></p>  <p><i>Figura 3</i> Fonte: Página @teatromunicipalcg no Instagram</p>	Festival	2ª participação especial da GR em um espetáculo de dança.

2017	<p>Balé carnaval</p> <p>Figura 4 Fonte: Página @teatromunicipalcg do Instagram</p>	Festival	3ª participação especial da GR em um espetáculo de dança.
2017	<p>Festival Motiva (A DIVULGAÇÃO FOI FEITA IMPRESSA E NÃO CONSEGUIMOS NENHUM EXEMPLAR)</p>	Festival	1º Festival interno de escola privada.
2018	<p>II Festival de Ginástica Rítmica Motiva</p> <p>Figura 5 Fonte: Página @colegiomotivacg no Instagram</p>	Festival	2º festival interno de escola privada.

2018	<p><i>1ª Mostra Campinense de Ginástica Rítmica</i></p>  <p><i>Figura 6</i> Fonte: Página @tratromunicipalcg no Instagram</p>	Festival	1º Festival Campinense de GR (evento que reúne todas as instituições da cidade em um grande espetáculo só de GR)
2019	<p><i>III Festival de Ginástica Rítmica Motiva</i></p>  <p><i>Figura 7</i> Fonte: Página @colegiomotivacg no Instagram</p>	Festival	3º Festival interno de escola privada

2019	<p><i>“Baile de décadas dos anos 50 aos 90”</i></p>  <p>II FESTIVAL DE GINÁSTICA RÍTMICA <i>"Baile de Décadas dos anos 50 aos 90"</i></p> <p>23 novembro 19H30</p> <p>Teatro MUNICIPAL Severina CABRAL</p> <p>APOIO</p>	Festival	2º Festival Campinense de Ginástica Rítmica
2019	<p><i>I Festival AABB de Ginástica Rítmica</i></p>  <p>29 JUN</p> <p>FESTIVAL AABB DE GINÁSTICA RÍTMICA</p> <p>LOCAL: GINÁSIO POLIESPORTIVO AABB / 15 HORAS ENTRADA: LEITE EM PÓ E/OU SUSTAGEN (SÃO JOÃO SOLIDÁRIO 2019)</p> <p>INFORMAÇÕES: 3060.4304 9.8791.4198</p> <p>AABB ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BRASILEIRA DE GINÁSTICA RÍTMICA</p>	Festival	1º Festival de GR de um clube (1º semestre)

Figura 8

Fonte: Página @tratromunicipalcg no Instagram

Figura 9

Fonte: Página @aabb.cg no Instagram

2019	<p>II Festival AABB de Ginástica Rítmica</p>  <p><i>Figura: 10</i> Fonte: Página @aabb.cg no Instagram</p>	Festival	2º Festival de GR do mesmo clube (2º semestre)
------	--	----------	--

O quadro 6 dialoga diretamente com o quadro 5. Os eventos identificados tiveram a efetiva participação das professoras na organização. A temporalidade de cada evento é anual e os temas dos festivais tornam-se os mesmos. Nessa interação entre as instituições, as professoras mantêm os temas nas respectivas instituições que ensinam. Isso possibilita que no encontro de todas as instituições, os figurinos seguem o mesmo tema para todas as apresentações.

Importante destacar as participantes do estudo também citaram os festivais de instituições de nível superior, que também abrem espaço para instituições que tratam a GR se apresentarem, a exemplo de Festival de Ginástica da UEPB¹, promovido pelo Departamento de Educação Física e organizado pelos Componentes curriculares que tratam a ginástica nos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física. O evento sediado pelo departamento já teve 12 edições. As descrições deste e de outros eventos não foram apresentadas, considerando que foram organizados pelas instituições de ensino superior como atividade acadêmica dos graduandos. No entanto, ressalta-se a importância destes eventos na graduação, por compreender que eles contribuem para formação e atuação de futuros professores no trato das ginásticas.

¹ Em 2013.1, houve uma reunião pedagógica onde, os professores de Ginástica rítmica, Ginástica Olímpica e Ginástica de Academia, colocaram em prática esta ideia, dando início ao I FESTIVAL DE GINÁSTICA RÍTMICA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, UEPB, tendo apresentações de vários grupos formados por turmas do departamento e de convidados, reunidos no ginásio deste Departamento.

Observa-se nesse quadro 6 que de 2015 a 2017 a GR teve participação especial em espetáculos de dança, realizados pelo Teatro municipal de Campina Grande. No entanto, a partir de 2017, uma das escolas promove o primeiro festival, que teve apresentação das quatro turmas iniciantes na escola, apresentado internamente, e até hoje é a única instituição com apresentação interna sem participação e interação de outras. Em 2018 acontece a primeira Mostra Campinense de GR, essa trajetória, em curto espaço de tempo, aponta para a conquista do trabalho com a GR na cidade, considerando o maior número de praticantes (em diferentes idades), de instituições participantes e de público que passa também a apreciar.

Dessa forma, acredita-se que as mostras e os festivais de GR podem ser experiências de formação de futuras atletas, estratégias das participantes para atingir o projeto da GR voltada ao desempenho, à medida em que tais eventos viabilizam, sem cobranças de resultados, que crianças e adolescentes praticantes da GR entrem em cena apresentando o que produziram ao público. Tal experiência desenvolve a autoconfiança, a expressividade, o controle emocional, saber identificar e lidar com os erros, considerando que o preparo psicossocial e expressivo é de suma importância para a formação da atleta de GR. Ao mesmo tempo, tais eventos também possibilitam a fruição estética da GR, no instante em que as praticantes vivenciam e apreciam as sequências coreográficas criadas dando possibilidades de aprimorar a técnica, desenvolver capacidade criativa e comunicativa.

5.7 Perspectivas para a GR em Campina Grande

Essa categoria apresenta as vontades e o horizonte que as professoras desejam para a GR na cidade de Campina Grande.

Quadro 7: Perspectivas para a GR em Campina Grande.

	PROFESSORA 1	PROFESSORA 2
3.3 – O que você perspectiva para GR em Campina Grande?	<i>Crescimento tanto de adeptos da modalidade quanto de profissionais que atenda essa demanda.</i>	<i>Ter atletas de rendimento, que não existe ainda. Um sonho que não é por falta de menina, é por falta de investimento financeiro</i>
3.4 – O que pretende trazer ou fazer para GR em Campina Grande?	<i>Além dos cursos sendo trazidos anualmente de ex-atletas da seleção brasileira, uma competição aqui em Campina Grande</i>	<i>Trabalhar em uma escola que faça investimento com atletas de rendimento, ou em um espaço próprio.</i>

No quadro 7, percebe-se que as questões abordadas se articulam aos projetos profissionais das professoras, onde volta-se a centralidade das respostas a GR voltada para o desempenho e atletas de GR de rendimento. Observa-se que quando perguntado sobre a perspectiva da modalidade na cidade, as professoras relataram, “*ter atletas de rendimento, que não existe ainda. Um sonho que não é por falta de menina, é por falta de investimento financeiro*”. A P1 acredita no crescimento quantitativo de ginastas, e comenta sobre uma demanda de alunas para poucos profissionais, enfatiza que “*um crescimento maior, e precisamos de mais adeptos da modalidade, de mais profissionais que trabalhem com consciência, com planejamento na área, porque a demanda de crianças está aumentando e a gente não tem profissional qualificado pra que atenda essa demanda*”.

Com relação ao que as professoras pretendiam fazer ou trazer para GR em Campina Grande, a P1 respondeu que “*além dos cursos sendo trazidos anualmente de ex-atletas da seleção brasileira, uma boa alternativa para aumentar o público é uma competição aqui em Campina Grande*”. A P2, por sua vez, destacou “*eu foco muito nessa questão de meninas avançadas e de alto rendimento, independente de ter que montar um espaço próprio, ou trabalhar em uma escola que ocorra esse investimento com atletas de rendimento*”.

As participantes apontam como horizonte de sentido para a GR em Campina Grande é a dimensão do desempenho: ter atletas de rendimento, competições locais e obtenção de resultados que deem visibilidade às atletas, aos profissionais, às instituições e à cidade. Para tanto, faz-se necessário, o investimento institucional, sobretudo financeiro para propiciar

infraestrutura para treinamento adequado, a obtenção de materiais específicos da modalidade, trazer profissionais qualificados para capacitar os profissionais da cidade e região. Considerando as metas apresentadas nesse estudo pelas professoras, o estudo compreende que as instituições precisam também financiar a GR para que a responsabilidade financeira não recaia somente para as atletas que pagam as mensalidades, os figurinos e a locação dos espaços de apresentação, como o teatro, de forma a representar as escolas e os clubes, em futuras competições sem a devida contrapartida das instituições.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as questões de estudo apresentadas no início deste trabalho, nesse momento de apontamentos finais, no que se refere ao perfil de professores que atuam com a prática da GR na cidade de Campina Grande, são mulheres, graduadas em Educação Física, entre cinco e seis anos de formação, com experiência anterior com o balé clássico ou a ginástica e atuam em diferentes instituições. Ambas despertaram e/ou reforçaram o desejo de atuar com a GR durante a graduação em eventos promovidos pela instituição formadora. As professoras têm em comum o projeto profissional de tornar a GR numa prática de desempenho, no sentido de formar atletas de alto rendimento, bem como, transformar Campina Grande numa cidade referência de competições e de promoção de cursos de alto rendimento sobre GR.

Quanto à natureza e objetivos das instituições na cidade de Campina Grande-PB na promoção da prática da GR, o estudo aponta que as instituições possuem naturezas distintas, ou seja, funções sociais diferentes. O estudo compreende que a escola (educação básica/rede privada), que mesmo ofertando a GR como modalidade esportiva nas escolinhas, com fins de desempenho, deve ter em sua base o papel educativo e formativo das crianças e jovens para além do conhecimento técnico e performático da GR, pois mesmo numa experiência extracurricular, a vivência acontece no âmbito da escola, por isso a busca pelo resultado deve assumir princípios educacionais, de formação integral do sujeito. Além disso, a oferta da GR, como atividade extracurricular, não exclui o trato das ginásticas na Educação Física escolar, considerando os documentos norteadores como a BNCC-Ministério da Educação e BNCC-Estado da Paraíba. A GR também se faz presente em teatro, clube e estúdio de dança, onde as instituições buscam desenvolver capacidades físicas e habilidades técnicas da GR. Em

nenhum momento, as participantes deste estudo citaram, por exemplo, a GR como experiência de lazer para tais instituições.

No que se refere a trajetória da GR no contexto de eventos, em Campina Grande-PB, a partir dos relatos dos participantes do estudo, observou-se que a GR de convidada especial de espetáculos de dança passou a protagonizar eventos inteiros dedicados a ela. Compreende que isso se justifica sob alguns aspectos, o crescimento quantitativo de crianças e jovens interessadas pela modalidade, conseqüentemente, impulsionando a abertura de mais turmas pelas instituições, e especialmente o trabalho das profissionais envolvidas em desenvolver as propostas nas instituições, bem como, criarem estratégias para qualificação profissional, como trazer cursos e oficinas para a cidade e promover festivais e mostras de GR. Sobre esse crescimento da modalidade, muito provavelmente, os espaços não-escolares se tornem maioria ao longo do tempo na cidade, considerando as limitações de horários e espaços para as aulas de GR nas escolas, como destacaram as participantes do estudo.

A pesquisa aponta para a urgência das instituições que ofertam à GR tenham um olhar crítico e reflexivo para possibilitar novos sentidos à prática da GR e juntamente às professoras, possam alinhar objetivos para que cada espaço dê melhores condições de trabalho e a GR possa propiciar a formação social, cultural e técnica de crianças e jovens.

O estudo possibilitou à pesquisadora refletir sobre a Ginástica Rítmica de outro lugar, mesmo tendo estado dentro de todas às questões discutidas nesse trabalho e atuar conjuntamente com as participantes, estar fora, na condição de pesquisadora, foi importante para estar atenta ao papel de professora que atua com a GR como atividade extracurricular na escola, pois nesse espaço não se exclui a concepção integral do sujeito, nem os pressupostos pedagógicos e didáticos de ensino da GR, mesmo quando objetiva-se o aprendizado e desenvolvimento técnico desta prática corporal.

É mister que outros estudos sejam realizados sobre a GR nas escolas de Campina Grande, o perfil das praticantes da modalidade, os objetivos que as levam inserirem a prática no seu dia a dia, dentre outros. Espera-se que a partir deste estudo outras agendas de pesquisa possam ser despertadas no sentido de fortalecer a produção de conhecimento sobre a ginástica rítmica na cidade de Campina Grande e no Estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS

AHLET, Mariana Charlier. **Corpo, Cultura e Formação um estudo crítico reflexivo das práticas educativas em Ginástica Rítmica**. 2011. 87f. Dissertação de Mestrado – Centro Universitário La Salle, Canos, 2011.

ANTUALPA, Kizzy Fernandes. **Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil: estruturas e programas**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

AYOUB, Eliana. **A ginástica geral no contexto escolar**. In: Anais do Fórum Internacional de Ginástica Geral, 1, 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: Sesc, Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001. p. 30-35.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004. 516 p.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Atividades Extracurriculares**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34509>> Acesso em: 02 dez. 2020.

CAÇOLA, Priscila. A iniciação esportiva na ginástica rítmica. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, São Paulo, v.2, n. 1, p. 9-15, mar, 2017.

CESÁRIO, Marilene. **A organização do conhecimento da ginástica no currículo de formação inicial do profissional de Educação Física: Realidades e possibilidades.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 216. 2001.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: editora Cortez, 1992.

COSTA, Andrize Ramires et al. **Ginástica na escola: por onde anda ela professor?** *Revista Conexões*, Campinas, v.14, n.4, p. 76-96, out/dez, 2016.

FLICK. Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAIIO, Roberta. **Ginástica Rítmica da iniciação ao alto nível.** 2 ed. Jundiaí: Fontoura, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, H. C. F. **CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA: Trajetória de Professores de Ginástico no Ensino Superior.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, p.134. 2010.

LOPES, Priscila Regina. **Motivação e ginástica artística formativa no contexto extracurricular.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.216. 2009.

LOURENÇO, Márcia. R. A. **A SELEÇÃO BRASILEIRA DE CONJUNTOS DE GINÁSTICA RÍTMICA: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o *habitus* construído.** Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p.189. 2015.

LORENZINI, A. R.; SILVA, A. M.; BRACHT, V.; BRAILEIRO, L. T. **O conteúdo ginástica em aulas de educação física escolar.** In: SOUZA JR, M. (Org.). **Educação física escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e propostas pedagógicas.** Recife: EDUPE, 2005. p. 188-205.

OLIVEIRA, Antônio Ribeiro. **A influência do esporte no rendimento escolar na opinião de alunos e professores da escola estadual Cora Coralina de Arquimedes/RO.** Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Programa Pró Licenciatura, Universidade de Brasília. Arquimedes, p. 50. 2012

OLIVEIRA, Glycia Melo. **Ginástica Rítmica e Educação Física escolar: perspectivas críticas em discussão.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2010.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. **A educação física como componente curricular: prática pedagógica ou atividade extracurricular?** Unimontes Científica, Montes Claros, v.8, n.2, - jul/dez. 2006.

PIRES, V. **Ginástica Rítmica: um contributo pedagógico para as aulas de Educação Física.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desporto, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p.133. 2002.

RAPP, Jackeline Cristine. **A compreensão dos professores de Educação Física sobre as atividades esportivas extracurriculares na Educação Infantil.** Monografia (Licenciatura

em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, p. 26. 2012.

RINALDI, I.P.B; CESÁRIO, Marilene. **Ginástica Rítmica: da compreensão de sua prática na realidade escolar à busca de possibilidades de intervenção.** Bulletin FIEP, Foz do Iguaçu, v. 75, 2005.

SAMPAIO, G. B. S. **FORMAÇÃO DE TREINADORES DE GINÁSTICA RÍTMICA: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 197. 2017.

SARÔA, Giovanna. *A história da ginástica rítmica em Campinas.* 2005. 140f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo e História.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SOARES, Carmen Lucia. **Educação Física raízes europeias e Brasil.** 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

APÊNDICE A

CENÁRIO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM CAMPINA GRANDE-PB: PERFIL DE PROFESSORES, INSTITUIÇÕES DE ENSINO E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

I – PERFIL DO PROFISSIONAL

1.1. Ano de conclusão de curso:

1.2. Tempo de atuação profissional:

1.3. Instituição(s) em que atua:

1.4. Tempo de atuação no ensino da GR:

1.5. O trato da GR é:

CURRICULAR () EXTRACURRICULAR () ou AMBOS ()

II – O ENCONTRO E O TRATO DA GR NA INSTITUIÇÃO

2.1. Em que momento de sua trajetória profissional você deparou-se com a GR?

2.2. Quais as motivações para atuar nesse campo (GR) e trazer a GR para a instituição em que atua?

2.3. Quais os objetivos de ensino voltados à GR você aponta? Se atua em mais de uma instituição, existem diferenciações entre eles?

2.4. Qual(s) a meta(s) para os estudantes e instituição com relação à GR?

2.5. Quais as dificuldades encontradas no ensino da GR, com relação à instituição e aos estudantes?

2.6 O que você projeta profissionalmente, para você, no campo da GR?

2.7 Para você existem objetivos diferentes voltados ao ensino da GR na educação física escolar e na escolinha? Quais, por exemplo?

III – A GR EM CAMPINA GRANDE-PB

3.1. Como você avalia a trajetória da GR em Campina Grande?

3.2. Quais os acontecimentos realizados que você destaca sobre a GR na cidade?

3.3. O que você perspectiva para a GR em Campina Grande?

3.4 O pretende trazer ou fazer para a GR em Campina Grande?

APÊNDICE B

PROFESSOR 1

I – PERFIL DO PROFISSIONAL

1.5. Ano de conclusão de curso:

Eu entrei no curso de Educação Física no 2011.2 e conclui em 2015.

1.6. Tempo de atuação profissional:

Eu trabalhava com ballet clássico quando era mais jovem, e depois com a ginástica, então 10 anos de ballet e atualmente 5 anos de ginástica.

1.7. Instituição(s) em que atua:

Eu trabalho no clube AABB, trabalhei no Teatro Municipal Severino Cabral, que agora tem uma sede no catolé, Escola Balé Cidade Campina Grande, e também na Maple Bear.

1.8. Tempo de atuação no ensino da GR:

5 anos.

1.5. O trato da GR é:

CURRICULAR () EXTRACURRICULAR (X) ou AMBOS ()

II – O ENCONTRO E O TRATO DA GR NA INSTITUIÇÃO

2.1. Em que momento de sua trajetória profissional você deparou-se com a GR?

É... O primeiro contato que eu tive com ginástica rítmica foi na universidade, através de um componente curricular que eu paguei da ginástica artística, e posteriormente paguei outro componente com a ginástica rítmica, e foi onde eu me identifiquei com a ginástica.

2.2. Quais as motivações para atuar nesse campo (GR) e trazer a GR para a instituição em que atua?

As principais motivações é a evolução das alunas a partir de determinados movimentos que a ginástica traz. É... as possibilidades com os aparelhos motivam bastante, e também competições e festivais, que são realizados fora, também motivam não só a mim quanto também as alunas para continuar nesse campo.

2.3. Quais os objetivos de ensino voltados à GR você aponta? Se atua em mais de uma instituição, existem diferenciações entre eles?

Os principais objetivos de ensino é a questão de aumentar a flexibilidade, trabalhar a questão de resistência, de desenvolvimento postural, e os benefícios em geral que o esporte traz para o aluno. E tem sim diferenciação de uma instituição para outra, tem a instituição, o

clube AABB, por exemplo, a gente trabalha, atua como forma de rendimento, a gente procura trabalhar com uma carga horária mais fixa, mais puxada. Na Maple Bear é uma escola infantil, a gente trabalha com uma forma mais lúdica pra atrair as crianças pro esporte, elas aprendem também, mas de forma mais lúdica, não é tão puxado igual o rendimento.

2.4. Qual(s) a meta(s) para os estudantes e instituição com relação à GR?

É basicamente essa, de não só trabalhar o físico pra adquirir flexibilidade, postura... mas também de mostrar o trabalho que tá sendo desenvolvido através de coreografias, festivais, competições, levar o nome da instituição pra esses locais para que seja reconhecida, mostrar um pouco do trabalho que tá sendo feito.

2.5. Quais as dificuldades encontradas no ensino da GR, com relação à instituição e aos estudantes?

A principal dificuldade tá sendo a questão da estrutura, não só de questão de aparelhos, que algumas instituições não querem investir pra ter o próprio aparelho, como também de espaço físico, que tenha altura, que tenha um tatame adequado, piso adequado, que tenha um espaldar... então são materiais e acessórios que têm um custo elevado e que nem todas as instituições querem investir, então isso são algumas principais dificuldades. E em relação aos estudantes a questão da divisão de faixa etária e também de nível, tem crianças que já estão a bom tempo, mas não conseguem se encaixar em turmas devido a idade, horário, aí acaba ficando algumas no nível mais baixo pra continuar fazendo.

2.6 O que você projeta profissionalmente, para você, no campo da GR?

Aumentar a equipe, porque nas últimas competições eu levei cerca de 2 alunas, eu queria aumentar a quantidade, é um projeto a curto prazo, quero aumentar a quantidade de meninas pra levar pra competir, e investir mais na estrutura pra trabalhar com essas com essas meninas. E também projetar uma lojinha de aparelhos, pra que possa vender aqui em Campina Grande, seria interessante para que elas não tenham tanta dificuldade em ter um aparelho, se acontecer alguma coisa, perder... esperar 15 a 20 dias para adquirir outro, uma lojinha seria bem interessante pra elas.

2.7 Para você existem objetivos diferentes voltados ao ensino da GR na educação física escolar e na escolinha? Quais, por exemplo?

Os objetivos voltados ao ensino da GR na Educação Física eu acredito que seja mais como eu tenho trabalhado nas escolas, como na Maple Bear, que é mais um contato com todos os aparelhos, é um trabalho mais lúdico. E a das escolinhas que é com alto rendimento tem que ter uma puxada pra que elas evoluam, então são diferentes sim... não tem como levar uma

aluna que não é de escolinha para uma competição, por exemplo, sendo que ela tem um contato mais lúdico do que as demais.

III – A GR EM CAMPINA GRANDE-PB

3.1. Como você avalia a trajetória da GR em Campina Grande?

A ginástica ele teve um crescimento grande, não só de adeptos, mas também como profissionais interessados em trabalhar na área, então eu avalio de forma positiva, foi um crescimento bem bacana nesses 5 anos que tá tendo a ginástica em Campina Grande.

3.2. Quais os acontecimentos realizados que você destaca sobre a GR na cidade?

Alguns acontecimentos que teve uma grande quantidade de pessoas foi o festival campinense, o primeiro, que foi um espetáculo de ginástica no palco do início ao final, porque antes a ginástica era só colocada no meio das outras danças, como dança contemporânea, dança do ventre e tudo mais, e o festival campinense foi só com ginástica rítmica, então teve várias escolas participando, e foi assim, lotou o teatro, as crianças se apresentaram e os pais tiveram uma avaliação muito positiva do evento, então eu destaco esse. E também os cursos que foram oferecidos com ex-ginastas da seleção brasileira como Bianca Maia, Ana Paula Ribeiro, que vieram pra Campina e as meninas puderam ter outras experiências com essas técnicas.

3.3. O que você perspectiva para a GR em Campina Grande?

Um crescimento maior, e precisamos de mais adeptos da modalidade, de mais profissionais que trabalhem com consciência, com planejamento na área, porque a demanda de crianças está aumentando e a gente não tem profissional qualificado pra que atenda essa demanda.

3.4 O pretende trazer ou fazer para a GR em Campina Grande?

Além dos cursos sendo trazidos anualmente de ex-atletas da seleção brasileira, uma boa alternativa para aumentar o público é uma competição aqui em Campina Grande, é uma perspectiva que a gente tem, tipo um Copa Fardinhas, ou uma competição até de nível iniciação mesmo, seria uma boa pra trazer pra cidade.

PROFESSOR 2

I – PERFIL DO PROFISSIONAL

1.1. Ano de conclusão de curso:

2016.

1.2. Tempo de atuação profissional:

6 anos.

1.2. Instituição(s) em que atua:

Motiva, Damas e o Studio Fernanda Barreto

1.3. Tempo de atuação no ensino da GR:

6 anos.

1.5. O trato da GR é:

CURRICULAR () EXTRACURRICULAR (X) ou AMBOS ()

II – O ENCONTRO E O TRATO DA GR NA INSTITUIÇÃO

2.1. Em que momento de sua trajetória profissional você deparou-se com a GR?

Eu comecei fazer ginástica aos 6 anos até os 12, aí parei, busquei outras áreas tipo dança, teatro... e quando entrei na faculdade de Educação Física umas das áreas que eu tinha intenção de me aprofundar e retornar era a ginástica, mas não como ginasta, como professora.

2.2. Quais as motivações para atuar nesse campo (GR) e trazer a GR para a instituição em que atua?

Então, a ginástica é um campo.... eu acho assim, eu considero tudo que tem menos de 10 anos é uma coisa recente, pra gente solidificar em um canto tem que ter um certo canto, então a ginástica é recente na nossa cidade, e isso é um fatos que mais me motivou trabalhar com ela, saber que a modalidade desconhecida na cidade eu poderia ter a oportunidade de trazê-la. O fato de ter sido ginasta também me motivou a trabalhar na área.

2.3. Quais os objetivos de ensino voltados à GR você aponta? Se atua em mais de uma instituição, existem diferenciações entre eles?

Não, nos 3 cantos que trabalho eu sempre utilizo a mesma estratégia de ensino e os mesmos objetivos, aí vou falar os principais, é... aumentar o repertório motor das alunas, porque ao longo do tempo eu fui percebendo que a GR antes de ser técnica-específica, a gente tem que abordar bem o que a gente ver na educação física e tá interligado a GR, que é aquela parte das habilidades motoras fundamentais específicas, então acho que um dos objetivos principais para depois especializar seria esse, aumentar o reportório motor da aluna e desenvolver as habilidades fundamentais. E os secundários seriam propiciar o conhecimento do próprio corpo, através do ritmo, através da dança, desenvolver os aspectos de flexibilidade e a destreza no uso de aparelhos.

2.4. Qual(s) a meta(s) para os estudantes e instituição com relação à GR?

Pra escola é desenvolver um trabalho que possa contribuir com a parte cultural da escola, participação em eventos, e pros alunos se misturam com o que eu falei com os objetivos de ensino, desenvolver o máximo possível as capacidades motoras e propiciar a vivência do próprio corpo.

2.5. Quais as dificuldades encontradas no ensino da GR, com relação à instituição e aos estudantes?

Em relação ao Studio Fernanda Barreto é a limitação de altura e espaço físico, interfere muito, é um teto baixo, é uma sala de ballet, repleta de espelhos, então tenho que tomar o cuidado do mundo pra não quebrar nada, em relação ao Motiva seria a dificuldade de ter uma equipe de rendimento, pois existe muitas alunas aptas pra isso, mas que não parte um investimento da escola, e das Damas tive pouco tempo de aula, já que esse é o primeiro ano e logo paralisou as aulas por conta da pandemia.

2.6 O que você projeta profissionalmente, para você, no campo da GR?

Especializar, buscar o máximo possível uma equipe de rendimento, trabalhar com a parte de rendimento, independente de ser na escola, ou em um espaço próprio, buscar trazer atleta de ponta, não de iniciação que o caso de hoje de Campina Grande, atletas que possam ir pras campeonatos nacionais, representar a gente em competições grandes.

2.7 Para você existem objetivos diferentes voltados ao ensino da GR na educação física escolar e na escolinha? Quais, por exemplo?

Sim, com toda certeza. Tanto na escolinha quanto na Educação Física a questão da ludicidade tem que tá presente, mas na Educação Física tem que ser voltada pra um GR popular, que busque os movimentos da cultura da criança, as vivências na rua, de casa, de outros esportes, a gente junta tudo isso na GR. Já na escolinha é um ensino mais técnico, mais específico, mais voltado pra grande uso da flexibilidade, na Educação Física é mais a vivência dos aparelhos para aumentar o repertório motor do aluno, independente de ser menino ou menina, e na escolinha é mais especializada.

III – A GR EM CAMPINA GRANDE-PB

3.1. Como você avalia a trajetória da GR em Campina Grande?

É uma trajetória que tem evoluído muito, muito rápido, a cada ano mais escolas, mais clubes têm interesse de colocar a modalidade, porque vê que tem público, e só tem a ascender, a crescer aqui dentro. Ainda estamos no início de uma longa trajetória. Vejo como muito boa nossa trajetória. Mas uma das nossas dificuldades é ter profissionais capacitados para trabalhar com esse público.

3.2. Quais os acontecimentos realizados que você destaca sobre a GR na cidade?

Os festivais das universidades, os festivais das escolas, os festivais dentro do Teatro, que é a união de todas as escolas, digamos que o do Teatro é aquele que a gente unifica tudo, mostra o trabalho de campina como um todo.

3.3. O que você perspectiva para a GR em Campina Grande?

Ter atletas de rendimento, que não existe ainda. Um sonho que não é por falta de menina, é por falta de investimento financeiro

3.4 O pretende trazer ou fazer para a GR em Campina Grande?

Eu foco muito nessa questão de meninas avançadas e de alto rendimento, então acho que independente de ter que montar um espaço próprio, ou trabalhar em uma escola que ocorra esse investimento com atletas de rendimento.